

RÍTMO DA FALA NA LÍNGUA DE SINAIS
A COMPLEMENTARIDADE ENTRE DOIS SISTEMAS DE
COMUNICAÇÃO

Mariana Feller Gonçalves da Silva

Monografia apresentada como exigência parcial do Curso de Especialização
em
Fonoaudiologia – Ênfase em Infância – sob orientação do
Prof. Dr. Erissandra Gomes

Universidade Federal do Rio Grande do Sul
Instituto de Psicologia
Porto Alegre, Março de 2012

Sumário

Artigo - Rítmo da fala na língua de sinais.....	04
Resumo.....	06
Abstract.....	07
Introdução.....	08
Métodos.....	08
Resultados e Discussão.....	11
Considerações Finais.....	15
Referências.....	16
Anexo A – Tabelas.....	19
Anexo B – Figuras.....	21
Anexo C – Normas da Revista.....	22

Lista de Tabelas

Tabela 1. Relação do número de sons das palavras dissílabas com o número de movimentos realizados em LS.....19

Tabela 2. Relação do número de sons das palavras trissílabas com o número de movimentos realizados em LS.....20

Lista de Figuras

Figura 1 - "Muito gordo" com realização fluente na LS.....	21
Figura 2 - "Muito gordo" com realização não-fluente na LS.....	21

Artigo

RÍTMO DA FALA NA LÍNGUA DE SINAIS:
A COMPLEMENTARIDADE ENTRE DOIS SISTEMAS DE
COMUNICAÇÃO

**RÍTMO DA FALA NA LÍNGUA DE SINAIS
A COMPLEMENTARIDADE ENTRE DOIS SISTEMAS DE
COMUNICAÇÃO**

**RHYTHM OF SPEECH IN SIGN LANGUAGE
THE COMPLEMENTARITY BETWEEN TWO COMMUNICATION
SYSTEMS**

**Mariana Feller Gonçalves da Silva^I; Erissandra Gomes^{II}; Ângela Russo^{III};
Cleonice Alves Bosa^{IV}**

^I. Fonoaudióloga. Mestre em Medicina: Ciências; Especialista em Transtornos do Desenvolvimento pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), E-mail: mariana.fgs@hotmail.com.

^{II}. Fonoaudióloga. Doutora em Medicina: Pediatria e Professor Adjunto da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), E-mail: erifono@hotmail.com.

^{III}. Pedagoga. Mestre em Educação pelo Programa de Pós Graduação da UFRGS, doutorada em Educação- UFRGS

^{IV}. Psicóloga. Doutora em Psicologia pelo Institute Of Psychiatry of London e Professor Adjunto da UFRGS.

RESUMO

A literatura tem enfatizado a importância do profissional com surdez no ensino de alunos surdos para que a apropriação da língua de sinais ocorra de forma natural. Dessa forma, o objetivo deste estudo foi analisar a execução da língua de sinais por professores ouvintes investigando se a língua oral influencia a língua de sinais através do som. A coleta foi realizada com 15 participantes, com idades entre 26 e 54 anos. Resultados: Nessa amostra, 73,3% dos sujeitos falam enquanto sinalizam e 86,7% deles fazem movimentos que coincidem com o número de sons de mais de 50% das palavras alvo. A fluência e a frequência de sobreposição de códigos na língua de sinais não estão relacionadas ao tempo de contato dos ouvintes com a língua ($p=0,31$). Conclusões: Observa-se que a língua de sinais, quando utilizada por um ouvinte é, de certa forma, contaminada pela língua oral. Esperamos, através deste estudo, contribuir nas reflexões sobre o ensino e educação de crianças surdas por ouvintes, assim como sobre o processo de capacitação de instrutores/professores e intérpretes da língua de sinais.

Palavras-chave: Surdez; Língua de sinais; Sobreposição de códigos

ABSTRACT

The literature has emphasized the importance of professional with deafness in teaching deaf students for the appropriation of the sign language occurs naturally. Thus, the objective of this study was to analyze the performance of listeners teachers in sign language (SL), investigating whether oral language influences the sign language through sound. Data collection was conducted with 15 participants, aged between 26 and 54 years. Results: In this sample, 73.3% of the subjects speak while signalize and 86.7% of them do movements that match with the number of sounds from more than 50% of the target words. Fluency and the frequency of overlapping codes in sign language are not related to the time of contact of listeners with the SL ($p = 0.31$). Conclusions: It is noted that the SL, when used by a listener, is somehow contaminated by the oral language. Hopefully, through this study, contribute to the reflections on teaching and education of deaf children by listeners, as well as on the process of training of instructors, teachers and interpreters of SL.

Keywords: Deafness, Sign language; Overlay codes

Introdução

Estudos dos últimos 40 anos revelam similaridades profundas entre as línguas faladas e as sinalizadas, tanto no nível da estrutura da frase quanto no nível do processamento lingüístico e, também, quanto à aquisição da linguagem (Quadros, 2006). Na aquisição da linguagem do surdo, o gesto se constitui como o próprio enunciado por mais tempo do que para o ouvinte e revela uma relação particular do sujeito com sua linguagem (Santana, 2008).

Durante o período da aquisição da linguagem, seja oral ou a de sinais, a relação entre língua e gesto é de interdeterminação. Há uma relação contínua que avança do visuomanual para o audioverbal no caso da fala, ou permanece no visuomanual, mudando seu estatuto para língua. A realização do gesto envolve aspecto simbólico e serve como mediador entre outras funções simbólicas, não sendo simplesmente a realização de um ato motor (Santana, 2008).

Nesta reflexão, a língua oral, assim como a língua de sinais (LS), tem sua característica gestual, que se inicia desde as vocalizações (Santana, 2008). Um estudo de 2007 defende que as LS têm apenas diferenças periféricas das línguas orais e distribuem as LS em três níveis de articulação: o primeiro entende os morfemas, fornecidos por parâmetros como altura, força, direcionalidade, posições no espaço e expressões faciais; a segunda articulação compreende as unidades dos fonemas, fornecidos por configurações de mão, pontos de articulação, orientação da palma, movimentos e marcas não-manuais; e em último nível, os traços distintivos como configuração de mão e de dedos (Correa, 2007).

Quando duas línguas são utilizadas pode haver uma mistura, um revezamento de línguas em uma conversação. Ao se considerar que uma destas

línguas é a oral e a outra a LS, elas podem ser combinadas simultaneamente (Baker, 2008). Com as crianças, este processo não é diferente.

Crianças surdas devem ser expostas a modelos comunicativos, preferencialmente na LS para o pleno desenvolvimento da linguagem, assim que a surdez for identificada (Kushalnagar *et al.*, 2010). Não há vantagens em retardar o contato com a LS e estudos demonstram associações entre privação lingüística, comprometimento cognitivo e isolamento social (Schick, 2006; Mackenzie e Smith, 2009). Uma das maneiras de otimizar este contato é a participação de instrutores surdos no processo de aquisição da LS pelas crianças com surdez; assim, não teriam mais como modelo apenas um professor que conhece o básico da LS, poderiam contar com professores que usam fluentemente a sua língua (Quadros, 2006).

A relevância desta pesquisa se deve ao fato de desconhecermos a existência de pesquisas sobre o tema sobreposição de códigos na LS, em nosso país, envolvendo a possibilidade de influência da língua oral sobre o ritmo da LS. Assim, objetiva-se investigar se a língua oral pode influenciar a LS através do som.

Métodos

Trata-se de um estudo transversal e observacional que investiga se há influência da língua oral sobre o ritmo da LS, considerando o tempo de contato dos ouvintes com a Língua Brasileira de Sinais (LIBRAS). Para a realização desta pesquisa, foram selecionados quinze sujeitos ouvintes, usuários da LS, com idades entre 26 e 54 anos. Os participantes são intérpretes da LS, integrantes de um programa de graduação em Letras LIBRAS da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), com polo em Porto Alegre e professores de escolas especiais

para surdos da região metropolitana de Porto Alegre. Não fizeram parte da pesquisa sujeitos com tempo de contato com a LS inferior a seis anos.

Aos participantes foi entregue um questionário de dados demográficos e informações profissionais elaborado pelas pesquisadoras e uma lista de palavras pré-selecionadas para leitura em sinais, elaborada para este estudo com base em achados de pesquisa sobre fluência na LS (Silva, 2007). Os sujeitos da pesquisa foram instruídos a executar os sinais referentes a cada um dos 28 itens da lista oferecida para sinalização. A leitura foi registrada em vídeo, para posterior transcrição, sendo as filmagens realizadas com máquina digital BENQ DC C500, com duração média de três minutos para cada participante. As amostras de leitura foram transcritas no modo ortográfico e analisadas segundo as possíveis relações entre sons da língua oral, número de repetições de sinais e o ritmo de seus movimentos.

Este projeto foi aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa do Instituto de Psicologia da UFRGS, sob o número 2009/042. A coordenação da instituição de ensino envolvida nesta pesquisa assinou termo de autorização institucional, permitindo a realização das filmagens com seus alunos e docentes. Os sujeitos da pesquisa foram esclarecidos sobre o propósito da mesma e assinaram o termo de consentimento livre e esclarecido, autorizando sua participação no trabalho e o uso das imagens de vídeo para fins de pesquisa.

Os dados deste estudo foram analisados estatisticamente através do programa SPSS, (versão 16.0 *for Windows*), por meio de uma estatística descritiva com frequências absolutas, percentuais, médias e desvio padrão dos achados da pesquisa através do desempenho dos participantes.

Resultados e Discussão

Entre os achados do estudo, observamos que o tempo de contato dos participantes com a LS variou de 6 à 31 anos. Analisando a relação entre este tempo de experiência com a LS e o desempenho na execução da LIBRAS, em termos de fluência na realização dos sinais, observamos que:

Os sujeitos que sinalizam há mais tempo não apresentam melhor desempenho na realização dos sinais alvo (lista proposta em nosso estudo);

Os participantes que têm menos de 10 anos de experiência com a LS não realizam número significativamente maior de sobreposição de códigos durante a sinalização do que aqueles que têm contato com a LS há mais de 20 anos ($p=0,31$). Ou seja, na palavra alvo “mamãe” (realizada com dedo indicador posicionado ao lado do nariz, em sua extensão) e na palavra alvo “amigo” (sinalizada com dedos unidos e estendidos, palma da mão voltada para cima e dedo mínimo tocando ombro oposto), percebemos a seguinte execução para os exemplos 1 e 2:

1. “Mamãe” – palavra com duas sílabas, realizada com dois toques do dedo indicador ao lado do nariz. Esta realização não está relacionada ao tempo de contato com a LS, sendo também percebida em participantes com 31 anos de contato com a LS.
2. “Amigo” – palavra com três sílabas, realizada com três toques da mão no ombro oposto. Este sinal é realizado desta forma, também, por quem tem maior tempo de contato com a LIBRAS.

Na tabela 1 está representado o desempenho dos sujeitos na execução de palavras dissílabas. Na segunda coluna está o número de pessoas, em valores percentuais, que realizaram movimentos manuais com quantidade de repetições

coincidindo com número de sons das palavras alvo. Ao exemplo de “papai”, palavra com duas sílabas, dois sons, executada com dois movimentos (duas batidas do dedo indicador abaixo do nariz) por 80% dos participantes. Os 20% restantes, realizaram este mesmo sinal com um movimento único (dedo fixo abaixo do nariz), ou seja, sem coincidir o número de movimentos para a realização do sinal com o número de sons/sílabas da palavra.

A tabela 2 apresenta o desempenho dos sujeitos na execução de palavras trissílabas. Na terceira coluna está listado, em valores percentuais, o número de pessoas que realizaram movimentos manuais que não tiveram quaisquer relações com o número de sons das palavras alvo. Na sinalização da palavra “estudar”, com três sílabas, três sons (1es-2tu-3dar), 60% dos participantes realizaram menos ou mais de três movimentos (dorso de uma mão bate na palma de outra). Na segunda coluna, para a mesma palavra, registramos que 40% dos sujeitos fazem três movimentos para sinalizar a palavra alvo (três batidas do dorso de uma mão na palma da outra).

Das 19 palavras listadas nas tabelas, 10 palavras foram sinalizadas com a influência dos sons da fala (número de movimentos dos sinais igual ao número de sílabas das palavras) por mais de 50% dos participantes da pesquisa. O número de pessoas que utiliza repetições exageradas dos sinais, acompanhando a fala, é importante em toda a amostra.

A sobreposição de códigos (língua oral e de sinais utilizadas ao mesmo tempo) está presente em 73,34% do grupo estudado, enquanto somente 26,66% dos ouvintes não falam enquanto sinalizam. Nesta pesquisa, não pretendemos refletir somente sobre a fluência dos professores ouvintes na LS, mas sobre o processo que acontece durante a execução dos sinais com estes sujeitos: a sobreposição de códigos, a influência da língua oral na execução dos sinais. Neste

grupo de estudo, registramos que 86,7% dos sujeitos fazem movimentos que coincidem com o número de sons de mais de 50% das palavras alvo.

Para as LS, a criação de sinais icônicos é um fenômeno natural assim como de Classificadores. Eles permitem tornar claro, compreensível, o significado do que se quer enunciar. Na LIBRAS, os classificadores descritivos podem detalhar som, tamanho, textura, paladar, formas em geral de objetos inanimados e seres animados(Pimenta, 2006).

Entre os itens contidos na listagem da coleta, três eram palavras que um sujeito fluente em LS sinalizaria utilizando um classificador, ou apenas um sinal, para representar o enunciado de duas palavras. São elas: “muito longe”, “muito gordo” e “muito magro”. Ao exemplo da execução do sinal “muito gordo”, ilustramos, nas figuras 1 e 2, modelos de sinalização fluente (expressão facial adequada, com bochechas infladas, realizada simultaneamente ao movimento das mãos) e não-fluente (uso de dois sinais associados: “muito” e “gordo”, sem alteração na expressão facial).

Como na aquisição da fala das crianças ouvintes, as crianças surdas filhas de pais surdos adquirem a gramática da língua de sinais na primeira infância. No entanto, a maioria das crianças surdas nasce de pais ouvintes, que muitas vezes começam a aprender a língua de sinais quando a surdez de seu filho foi detectada. Em idades precoces, muitas crianças surdas de pais ouvintes estarão atrasadas na aquisição de suas habilidades em sinalizar, em comparação com crianças surdas de pais surdos (Boudreault, 2006; Herman, 2006). Essas crianças ainda têm de adquirir muitos aspectos da gramática da língua de sinais no ensino primário(Hermans, Knoors *et al.*, 2010).

Além do atraso na aquisição da LS por estes fatores ligados a família das crianças surdas, outra razão de preocupação em termos de desenvolvimento da

língua de forma natural por estas crianças é que nas escolas de educação especial para surdos, a maioria dos professores são ouvintes. O professor de LS ouvinte faz trocas no uso de sinais por ter um conhecimento "dicionarizado" da língua, com desempenho não fluente. Ou seja, o instrutor ouvinte tem dificuldade para articular a polissemia da língua dominante, sua primeira língua (o português), e as possibilidades de "tradução" para a língua que utiliza com menor fluência (a LS)(Paula, 2009).

Por esta razão, compreendemos e concordamos com Damázio e Ferreira (2010) ao sustentarem que é importante a presença de profissionais surdos, com formação adequada, no ambiente em que a criança se situa, para oferecer o aprendizado da LS de forma significativa, assim como para que seus usuários tenham a apropriação desta língua de forma natural(Damázio, 2010).

Em 2005, autores distinguiram dois tipos de uso de códigos utilizados por pessoas bilíngües. O termo *code-blending* faz referência à comunicação onde sinais e oralidade são realizados simultaneamente enquanto *code-switching*, em sua definição, seria a troca da oralidade pelos Sinais e vice-versa, ou seja, parar de falar (oral) e continuar conversando somente com Sinais(Emmorey, 2005). Esta execução dos sinais realizados simultaneamente à fala que facilita a repetição, a disfluência dos ouvintes na língua de sinais.

A figura 1 ilustra a sobreposição de códigos comentada acima e que, nesta pesquisa, apresenta-se de forma importante.

Os achados desta pesquisa nos fazem refletir sobre a preocupação de Gesueli (2006) ao comentar sobre o contato do surdo com a comunidade ouvinte e as dificuldades que esta interação pode representar em razão do seu

“desconhecimento” da LS(Gesueli, 2006). O processo de aquisição da LS pela criança surda com um professor surdo acontece pelo processo ensino-aprendizagem da LS em contexto, na existência de uma cultura lingüística, de gramática própria e estrutura de construção de conhecimento considerada peculiar(Faria, 2011).

Considerações Finais

Quando ouvintes evocam uma palavra, antes mesmo da execução de seu sinal, pensam em um conjunto de sons. Nesta pesquisa, observamos que a LS, quando utilizada por um ouvinte é, de certa forma, contaminada pela língua oral. Não há somente uma sobreposição de códigos isolados, mas uma incorporação dos mesmos quando os sons dão ritmo à língua dos surdos. Esperamos, através deste estudo, contribuir nas reflexões sobre o ensino, sobre a educação de crianças surdas por ouvintes, assim como sobre o processo de capacitação de instrutores/professores e intérpretes da LS, que também deveriam ser avaliados neste aspecto.

Referências

BAKER A., V. D. B., B. **Codemixing in sign and words in input to and output from children.** In C. P. Pust & E. M. Lopez (Eds.) **Sign Bilingualism: Language Development, Interaction and Maintenance in Language Contact Situations.** Amsterdam, John Benjamins. (in press) 2008.

BOUDREAULT, P. M., R. I. Grammatical processing in American Sign Language: Age of first-language acquisition effects in relation to syntactic structure. **Language and Cognitive Processes**, v. 21, p. 608–635, 2006.

CORREA, R. B. D. S., & QUADROS, R. M. DE. **A complementaridade entre língua e gestos nas narrativas de sujeitos surdos.** Florianópolis, Brasil: Universidade Federal de Santa Catarina 2007.

DAMÁZIO, M. F. M. F., J. P. **Educação escolar de pessoas com surdez - atendimento educacional especializado em construção.** Inclusão: Revista de Educação Especial. Brasília. 5: 46-57 p. 2010.

EMMOREY K., B. H. B., & THOMPSON R. **Bimodal bilingualism: code-blending between spoken English and American sign language.** In J. Cohen, K. McAlister, K. Rolstad, & J. MacSwan (Eds.), Proceedings of the 4th International Symposium on Bilingualism. Somerville, MA: Cascadilla Press 2005.

FARIA, J. G. **Formação, profissionalização e valorização do professor surdo: reflexões a partir do Decreto 5.626/2005.** Rev. bras. educ. espec. Marília. 17 2011.

GESUELI, Z. M. Linguagem e identidade: a surdez em questão. **Educação e sociedade**, v. 27, 2006.

HERMAN, R. R., P. Evidence from the wider use of the BSL receptive skills test. **Deafness and Education International**,

, v. 8, p. 33–47, 2006.

HERMANS, D.; KNOORS, H.; VERHOEVEN, L. Assessment of sign language development: the case of deaf children in the Netherlands. **J Deaf Stud Deaf Educ**, v. 15, n. 2, p. 107-19, Spring 2010. ISSN 1465-7325 (Electronic) 1081-4159 (Linking). Disponível em: <<http://www.ncbi.nlm.nih.gov/pubmed/19914957>>.

KUSHALNAGAR, P. et al. Infants and children with hearing loss need early language access. **J Clin Ethics**, v. 21, n. 2, p. 143-54, Summer 2010. ISSN 1046-7890 (Print) 1046-7890 (Linking).

Disponível em: <<http://www.ncbi.nlm.nih.gov/pubmed/20866021>>.

MACKENZIE, I.; SMITH, A. Deafness--the neglected and hidden disability. **Ann Trop Med Parasitol**, v. 103, n. 7, p. 565-71, Oct 2009. ISSN 1364-8594 (Electronic) 0003-4983 (Linking).

Disponível em: <<http://www.ncbi.nlm.nih.gov/pubmed/19825278>>.

PAULA, L. S. B. D. **Cultura escolar, cultura surda e construção de identidades na escola** Rev. bras. educ. espec. Marília. 15 2009.

PIMENTA, N. Q., RONICE MULLER DE. **Curso de Libras 1**. Rio de Janeiro: LSB Vídeo 2006.

QUADROS, R. M. D. **Efeitos de modalidade de língua: as línguas de sinais.** Educação Temática Digital. 7: 168-178 p. 2006.

SANTANA, A. P., GUARINELLO, A. C., BERBERIAN, A. P., MASSI, G. **O estatuto simbólico dos gestos no contexto da surdez.** Psicol. estud. 13: 297-306 p. 2008.

SCHICK, B. M., M.; SPENCER, P. **Advances in the Sign Language Development of Deaf Children**. New York: Oxford University Press, 2006.

SILVA, M. F. G. D. D., MARLENE CANARIM. **A fluência e as disfluências da língua de sinais em surdos de faixa etária pediátrica.** Porto Alegre, Brasil: Instituto Porto Alegre 2007.

Anexo A

Tabela 1. Relação do número de sons das palavras dissílabas com o número de movimentos realizados em LS.

Palavras Dissílabas	Dois Movimentos % (n=15)	Sem Relação % (n=15)
Mamãe	73,3	26,7
Casa	60	40
Legal	46,7	53,3
Papai	80	20
Também	60	40
Nunca	60	40
Burro	66,7	33,3
Lembrar	40	60
Verde	26,7	73,3
Treinar	40	60
Maçã	60	40
Pato	60	40

Tabela 2. Relação do número de sons das palavras trissílabas com o número de movimentos realizados em LS.

Palavras Trissílabas	Três Movimentos % (n=15)	Sem Relação % (n=15)
Estudar	40	60
Agora	20	80
Laranja	33,3	66,7
Amigo	33,3	66,7
Cavalo	46,7	53,3
Banana	66,7	33,3
Caneta	60	40

Anexo B**Figura 1**

“Muito gordo” com realização fluente na LS

**Figura 2**

“Muito gordo” com realização não-fluente na LS



Anexo C

INSTRUÇÕES AOS AUTORES

EDUCAÇÃO & SOCIEDADE (ES) destina-se à divulgação de trabalhos que incentivem a pesquisa acadêmica e o debate amplo sobre a educação nos diversos prismas de sua relação com a sociedade. Os trabalhos encaminhados para publicação devem ser **inéditos**, em meios impressos ou eletrônicos, não sendo permitida a sua apresentação simultânea para avaliação em outro periódico. A revista receberá para publicação artigos redigidos em português, espanhol, francês, inglês e alemão. Os artigos em inglês, francês e alemão, após a sua aprovação, serão traduzidos para o português e revistos pelos autores. Na publicação eletrônica, os textos estrangeiros, com exceção do espanhol, serão disponibilizados também em seus idiomas de origem.

Categorias de artigos – *Educação & Sociedade* publica textos de pesquisa e ensaio, compondo as diferentes seções do periódico: Artigos, Revisão & Síntese, Análise das Práticas Pedagógicas, Formação de Profissionais da Educação, Debates & Polêmicas, Imagens & Palavras (incluindo resenhas).

O processo de avaliação – Os originais serão submetidos à apreciação prévia do Comitê Editorial, que encaminhará aos pareceristas (no mínimo 03) aqueles que considerar adequados aos critérios editoriais da revista. Os pareceristas recomendarão a sua aceitação, recusa ou poderão sugerir reformulações. Neste caso, o artigo reformulado retornará aos pareceristas para avaliação final.

Com o sistema duplo-cego (*blind review*), os nomes dos pareceristas permanecerão em sigilo, omitindo-se também perante estes os nomes dos autores. A política editorial da revista define as seguintes categorias para avaliação dos textos: conteúdo, forma, originalidade, relevância e atualidade.

Apresentação formal dos originais – Os originais deverão ser redigidos na ortografia oficial e digitados em processador de texto *Word for Windows*, em fonte Garamond, tamanho 12, espaço duplo, em folha formato A4. O volume de texto do artigo, incluindo resumos, notas e bibliografia, não deverá ultrapassar o limite de 44.000 caracteres (considerando os espaços). No preparo do original, deverá ser observada a seguinte estrutura:

- a) Título e subtítulo do artigo (até duas linhas);
- b) Resumo e palavras-chave: o resumo não deve ultrapassar 1.000 caracteres (considerando espaços) e as palavras-chave, que identificam o conteúdo do artigo, devem ser de no máximo cinco (05). Para a redação e estilo do resumo, observar as orientações da NBR-6028, da Associação Brasileira de Normas Técnicas (ABNT).
- c) Título em inglês, *abstract* e *key words*.
- d) Corpo do texto, ao longo do qual não deve haver identificação autoral;
- e) Referências bibliográficas – Devem obedecer a NBR-6023/2002, da Associação Brasileira de Normas Técnicas (ABNT), sendo ordenadas alfabeticamente pelo sobrenome do primeiro autor.

Nas referências bibliográficas de até três autores, todos poderão ser citados, separados por ponto e vírgula. Nas referências com mais de três autores, citar somente o primeiro autor, seguido da expressão **et al.** A exatidão das referências constantes na listagem e a correta citação de seus

dados no texto são de responsabilidade do(s) autor(es) dos trabalhos.

Alguns exemplos de referências bibliográficas

Livros (um autor)

FRIGOTTO, G. *Educação e a crise do capitalismo real*. 4. ed. São Paulo: Cortez, 2000.

Livros (dois autores)

BABIN, P.; KOULOUMDJIAN, M. *Os novos modelos de compreender: a geração do audiovisual e do computador*. São Paulo: Paulinas, 1989.

Capítulos de livros

OLIVEIRA, F. Neoliberalismo à brasileira. In: GENTILI, P. (Org.). *Pós-neoliberalismo: as políticas sociais e o estado democrático*. Rio de Janeiro: Paz & Terra, 1995. p. 29-34.

Artigos de periódicos (com mais de três autores)

PODSAKOFF, P.M. et al. Transformational leader behaviors and their effects on followers' trust in leader, satisfaction, and organizational citizenship behaviors. *Leadership Quarterly*, Greenwich, Conn., v. 1, n. 2, p. 107-142, 1990.

Teses

CARVALHO, W.L.P. *O ensino das ciências sob a perspectiva da criatividade: uma análise fenomenológica*. 1991. 302f. Tese (doutorado) – Faculdade de Educação. Universidade Estadual de Campinas, Campinas.

Artigo de periódico (formato eletrônico)

AQUINO, J.G.; MUSSI, M.C. As vicissitudes da formação docente em serviço: a proposta reflexiva em debate. *Educação & Pesquisa*, São Paulo, v. 27, n. 2, p. 211-227, jul. 2001. Disponível em: <<http://www.scielo.com.br>>. Acesso em: 14 ago. 2002.

Livro em formato eletrônico

SÃO PAULO (Estado). *Entendendo o meio ambiente*. São Paulo, 1999. v. 1. Disponível em: <<http://www.bdt.org.br/sma/entendendo/atual/htm>>. Acesso em: 8 mar. 1999.

Artigo assinado (jornal)

DIMENSTEIN, G. Escola da vida. *Folha de S. Paulo*, São Paulo, 14 jul. 2002. Folha Campinas, p. 2.

Artigo não-assinado (jornal)

FUNGOS e chuva ameaçam livros históricos. *Folha de S. Paulo*, São Paulo, 5 jul. 2002. Cotidiano, p. 6.

Decretos, leis

BRASIL. Decreto n. 2.134, de 24 de janeiro de 1997. Regulamenta o art. 23 da Lei n. 8.159, de 8 de janeiro de 1991, que dispõe sobre a categoria dos documentos públicos sigilosos e o acesso a eles, e dá outras providências. *Diário Oficial da República Federativa do Brasil*, Brasília, DF, n. 18, p. 1435-1436, 27 jan. 1997. Seção 1.

Constituição federal

BRASIL. Constituição (1988). *Constituição da República Federativa do Brasil*. Brasília, DF: Senado Federal, 1988.

Relatório oficial

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ. Relatório 1999. Curitiba, 1979. (mimeogr.).

Gravação de vídeo

VILLA-LOBOS: o índio de casaca. Rio de Janeiro: Manchete Vídeo, 1987. 1 videocassete (120 min.): VHS, son., color.

Trabalho publicado em Anais de Congresso

PARO, V.H. Administração escolar e qualidade do ensino: o que os pais ou responsáveis têm a ver com isso? In: SIMPOSIO BRASILEIRO DE POLITICA E ADMINISTRAÇÃO DA EDUCAÇÃO, 18., 1997, Porto Alegre. *Anais...* Porto Alegre, EDIPUCRS, 1997. p. 303-314.

f) Notas: quando existirem, devem ser numeradas seqüencialmente e colocadas no final do

artigo. Não é permitido o uso de notas bibliográficas. Para isso, deve-se utilizar as *citações no*

texto: a identificação das referências no corpo do trabalho deve ser feita com a indicação do(s)

nome(s) do(s) autor(es), ano de publicação e paginação. Ex: (Nunes, 1995, p. 225).

g) Tabelas e figuras – As *tabelas* deverão ser numeradas, consecutivamente, com algarismos

arábicos, na ordem em que foram incluídas no texto e encabeçadas por seu título, evitando-se a

não repetição dos mesmos dados em gráficos. Na montagem das tabelas, recomenda-se seguir as

“Normas de apresentação tabular”, publicadas pelo IBGE. *Quadros* são identificados como

tabelas, seguindo uma única numeração em todo o texto. As ilustrações (fotografias, desenhos,

gráficos etc.) serão consideradas *figuras*.

Recomenda-se ainda que estes elementos sejam produzidos em **preto e branco**, em tamanho

máximo de **14 x 21 cm** (padrão da revista), apresentando, sempre que possível, qualidade de

resolução (a partir de **200 dpis**) para sua reprodução direta.

Observações gerais: Serão fornecidos gratuitamente ao autor principal de cada artigo (05)

cinco exemplares do fascículo em que seu trabalho foi publicado; em artigos de co-autoria, cada

autor receberá (03) três exemplares; no caso de mais de três autores, cada um receberá (02) dois

exemplares.

A revista não se obriga a devolver os originais das colaborações enviadas e informa que o

conteúdo dos textos publicados é de inteira responsabilidade de seus autores, não refletindo

necessariamente a opinião do Comitê Editorial.

Os trabalhos serão disponibilizados integralmente também em formato eletrônico, no *site* da

Scientific Electronic Library On Line (SCIELO) (www.scielo.br/es), imediatamente após a sua

publicação impressa.

Orientações para submissão de trabalhos:

A partir de 2008, *Educação & Sociedade* irá operar exclusivamente pelo Sistema SCIELO de

Publicação, que utiliza o *Open Journal System* como suporte de gerenciamento eletrônico para

publicação de periódicos científicos.

Dessa forma, o processo de captação e arbitragem dos artigos passará necessariamente por uma

plataforma eletrônica, *on-line*, onde os autores poderão se cadastrar e submeter seus trabalhos

para apreciação do Comitê Editorial, podendo, inclusive, acompanhar todo o processo de

tramitação de seu texto.

Para se cadastrar no sistema, é necessário acessar o endereço abaixo e, depois, seguir as orientações para submissão de artigos à *Educação & Sociedade*.